



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

EMANUELLE YNGRID DA SILVA ALMEIDA

**O PAPEL DOS(AS) PROFESSORES(AS) NA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DA
CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**GUARABIRA/PB
2019**

EMANUELLE YNGRID DA SILVA ALMEIDA

**O PAPEL DOS (AS) PROFESSORES (AS) NA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DA
CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para conclusão do curso.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação docente

Orientadora: Prof^ª. Ms^ª. Sheila Gomes de Melo.

**GUARABIRA/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447p Almeida, Emanuelle Yngrid da Silva.

O papel dos (as) professores (as) na construção da autoestima da criança negra na educação infantil [manuscrito] / Emanuelle Yngrid da Silva Almeida. - 2019.

48 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Profa. Ma. Sheila Gomes de Melo ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Racismo. 2. Educação infantil. 3. Autoestima. I. Título

21. ed. CDD 372.24

EMANUELLE YNGRID DA SILVA ALMEIDA

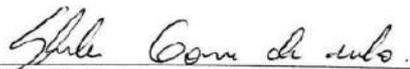
O PAPEL DOS (AS) PROFESSORES (AS) NA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DA
CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

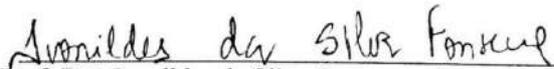
Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da
Paraíba, Campus III, como requisito para
conclusão do curso.

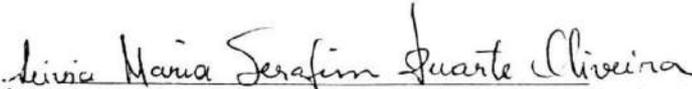
Área de concentração: Fundamentos da
Educação e Formação docente.

Aprovada em 22/06/2015

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ms.^a Sheila Gomes de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca – (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ms.^a Livia Maria Serafim Duarte Oliveira – (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, pois senti a sua presença em cada momento deste trabalho e quando pensei em desistir ele me segurou com sua mão protetora e me fez continuar essa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou a minha caminha e me fez chegar até aqui, sem ele o que seria de mim. Obrigada meu DEUS.

Ao meu esposo que de forma especial e carinhosa me ajudou a continuar, obrigado pela paciência e incentivo valeu a pena toda distância, todo sofrimento e renúncias te agradeço pelo seu companheirismo e por ter acredito no meu potencial.

Aos meus pais Ivanilda e Manoel e ao meu irmão que de forma especial contribuíram para o meu crescimento me dando força para prosseguir, sou eternamente grata a vocês por tudo que fazem por mim, essa conquista é nossa.

À minha queria orientadora Sheila Gomes de Melo que foi essencial para construção deste trabalho, sua paciência e incentivo contribuíram para a conclusão do mesmo.

Ao Professor Felipe que me ajudou no momento em que mais precisei e que de forma especial contribuiu para a conclusão deste trabalho.

Às minhas amigas e irmãs Gabriela e Rayanne, obrigada por compartilhar comigo essa linda amizade que vai além da UEPB obrigada por todo incentivo levarei vocês no meu coração e sou eternamente grata a Deus por ter as conhecido.

À minha discipuladora Cristiana que sempre estava à disposição para ouvir e apoiar, incentivando e acreditando no meu potencial. Obrigada por tudo.

A todos os professores (as) da UEPB que de forma especial contribuíram para a minha formação acadêmica.

A toda minha família que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste sonho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CONTEXTO HISTÓRICO: CHEGADA E PERMANÊNCIA DOS ESCRAVIZADOS	14
2.1. O Racismo no Brasil.....	15
2.2. Conceitos importantes sobre as relações étnico-raciais	17
3. O RACISMO NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	21
3.1 - O papel dos docentes na construção de uma educação antirracista.....	23
3.2 - Autoestima da criança negra.....	26
4. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	28
4.1 Os Caminhos Percorridos	28
4.2. Participantes	29
4.3. Instrumentos de pesquisa e procedimentos.....	30
4.4. Caracterização da escola: o campo da pesquisa	31
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	47

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar o papel dos (as) professores (as) na construção da autoestima da criança negra na educação infantil, visando contribuir para a desconstrução do racismo, discriminação e preconceito existente no ambiente escolar. Para isso, utilizamos na Metodologia a pesquisa qualitativa, o estudo de caso e a pesquisa de campo feita em uma instituição escolar na rede municipal de ensino, localizada no município de Mulungu-PB. Com o intuito de desconstruir o racismo e o estereótipo negativo que a sociedade impõe na população afro-brasileira. Toda pesquisa foi fundamentada na educação infantil, visto que racismo tem se iniciado desde muito cedo e uma das instituições que ele tem se instalado é no ambiente escolar. O estudo baseou-se nos autores: CAVALLEIRO (2001), MUNANGA (2005), SILVA (2002), dentre outros. O racismo tem provocado nas crianças a baixa autoestima. Isso acontece porque muitas delas não se sentem representadas na história dos negros. Notamos que realmente o que tem acontecido nas escolas é que os professores têm mostrado as crianças a parte cruel e marginalizada da história dos afro-descendentes e acaba gerando nas crianças vergonha da história a qual pertence. Para o acontecimento da pesquisa foi utilizado na escola uma entrevista com 05 professores que nos possibilitou a análise de dados para a conclusão deste trabalho. A partir dos questionários foi visto que todos os professores entrevistados já se depararam com o racismo em sala de aula, ao procurar nos acervos de livros que tinha na sala não foi encontrado nenhuma literatura infantil com personagens negros que pudesse contribuir para a construção da autoestima da criança negra.

Palavra-chave: Racismo, Educação infantil. Autoestima.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the role of teachers in the education of black children in early childhood education, in order to contribute to the deconstruction of racism, discrimination and prejudice in the school environment. For this, we used in the Methodology the qualitative research, the case study and the field research done in a school institution in the town school network, located in the city of Mulungu-PB. In order to deconstruct racism and the negative stereotype that society imposes on the Afro-Brazilian population. All research was based on early childhood education, since racism has started very early and one of the institutions that it has installed is in the school environment. The study is based on authors: CAVALLEIRO (2001), MUNANGA (2005), SILVA (2002), among others. Racism has provoked in children the low self-esteem this happens because many of them do not feel represented in the history of the blacks, we notice what has really happened is that in schools the teachers have shown the children the cruel and marginalized part of the history of the afro-descendants and ends up generating in the children shame of the history to which it belongs. For the event of the research was used in the school an interview with 05 teachers that enabled us to analyze data for the conclusion of this work. From the questionnaires it was seen that all teachers interviewed had already encountered racism in the classroom, searching the books collections they had in the classroom did not find any children's literature with black characters that could contribute to the construction of self-esteem of the black child.

Keywords: Racism, Children's education. Self-esteem.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formação das professoras.....	30
Quadro 2 – Respostas da 1º pergunta.....	34
Quadro 3 – Respostas da 2º pergunta.....	36
Quadro 4 – Respostas da 3º pergunta.....	38
Quadro 5 – Respostas da 4º pergunta.....	40
Quadro 6 – Respostas da 5º pergunta.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Atendimento Educacional Especializado
DCN	Diretrizes Nacional de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDBE	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa nacional do Livro Didático
PNAE	Programa Nacional da Alimentação Escolar
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PIP	Projeto de Intervenção Pedagógica
PPP	Projeto Político Pedagógico

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que na sociedade brasileira há uma grande diversidade cultural e étnico-racial, uma delas são os povos afrodescendentes, povos estes que trazem consigo uma grande fonte histórica e cultural pouco valorizada na nossa sociedade. Apesar da cultura afrodescendente ser tão forte em nosso país, ainda há uma grande desvalorização da mesma, fazendo com que os negros sejam alvos do racismo. A cada dia que passa o racismo está cada vez mais presente, desde cedo, as crianças começam a sofrer com ataques preconceituosos. As pessoas costumam diminuir ou menosprezar a imagem dos negros com palavras ofensivas que acaba gerando a rejeição e baixa autoestima.

A autoestima é de suma importância para o crescimento do ser humano, ela contribui para construção de sua identidade e quando não há, acaba dificultando o desenvolvimento do indivíduo na sociedade e no seu processo de aprendizagem. Como afirma Silva (2001) O racismo provoca a invisibilidade do outro assim causando a auto rejeição. A invisibilidade provoca sérios problemas nas crianças como, baixo rendimento escolar, a evasão escolar, e o sentimento de rejeição do mesmo, tudo isso acaba gerando a baixa autoestima.

Visto a necessidade de contribuir para elevar a autoestima da criança negra na educação infantil apresentamos a seguinte questão: Qual o papel dos(as) professores(as) na construção da autoestima da criança negra na educação infantil? A partir dessa questão que pretendo desenvolver na pesquisa, e almejo que a mesma possa contribuir no desenvolvimento da autoestima da criança negra.

Nas escolas hoje é perceptível que a cultura afro-brasileira é pouco conhecida pelas crianças, onde é visto que a demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que alterou a Lei 9.394/1996 (BRASIL, 1996) estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas. Mas não é isto que vemos nas escolas, o que vemos, é que alguns professores estão totalmente despreparados para lidar com as questões étnico-raciais.

A questão racial deveria ser abordada desde de cedo nas escolas, as crianças ao entrar na educação infantil deveriam ter conhecimento da cultura afro-descendentes. Como a escola é uma das

principais instituições responsáveis pela formação do indivíduo, o ambiente escolar deveria fazer uma ponte com a construção da inclusão social, pois ela é responsável pela relação das crianças com diversos grupos étnico-racial. Os(as) professores(as) sendo pessoas que têm mais contato com as crianças, eram para proporcionar estratégias ajudasse na desconstrução do estereótipo que a sociedade impõe nas pessoas afrodescendentes buscando melhorar a autoestima da criança negra na educação infantil.

Com base nessa questão destaco o seguinte objetivo geral: o papel dos (as) professores (as) na construção da autoestima da criança negra na educação infantil, visando contribuir para a desconstrução do racismo, discriminação e preconceito existente no ambiente escolar. E como objetivos específicos: desconstruir o estereótipo negativo da cultura afro-brasileira em sala de aula; desenvolver meios que promovam valorização da cultura africana; despertar nos (as) professores (as) importância de trabalhar a temática étnico-racial; proporcionar o crescimento da autoestima da criança negra visando a valorização da cultura afro-descendentes.

Neste sentido o presente trabalho mostra que o professor tem um papel fundamental para atuar na construção da autoestima da criança negra, ele como mediador e formador do conhecimento pode atuar no processo de desconstrução do racismo no ambiente escolar. Através de estratégias que possam fazer com que a cultura africana possa ser valorizada dentro de sala de aula e que os alunos afro-brasileiros possam se sentir valorizados e sintam orgulho de fazer parte a população afro.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos: No primeiro capítulo contém a parte introdutória do trabalho. Capítulo II denominado como “contexto histórico”, vem aborda de forma breve como se deu a história dos escravos no Brasil, e como iniciou racismo no nosso país, trazendo alguns conceitos importantes sobre as questões étnico-racial. O capítulo III de nome “racismo no contexto educacional” ressalta como o racismo tem se instalado no contexto escolar trazendo uma peça fundamental o professor para atuar na construção de uma educação antirracista e a autoestima da criança negra. O capítulo IV explica como foi desenvolvido os procedimentos metodológicos, a pesquisa adotada foi a qualitativa onde foi necessário fazer a pesquisa de campo e estudo de caso, para a coleta de dados que foi fundamental para o enriquecimento deste trabalho.

2. CONTEXTO HISTÓRICO: CHEGADA E PERMANÊNCIA DOS ESCRAVIZADOS

A chegada dos negros no Brasil se deu no século XVI, os portugueses traziam homens e mulheres africanos para o Brasil para trabalhar nos engenhos de cana de açúcar. Seus transportes aconteciam da forma mais desumana possível, muitos deles não chegavam com vida ao seu destino final e eram lançados ao mar. No século XV, os escravos eram tratados da pior forma possível, eram explorados e seus pagamentos eram roupas e comidas de péssima qualidade, além disso eram proibidos de praticar suas religiões ou rituais da prática africana, os seus senhores só permitiam a prática da religião católica.

No século XVIII, alguns escravos conseguiram sua liberdade através da carta de alforria. Só no século XIX que a escravidão foi totalmente proibida no Brasil, a abolição se deu no dia 13 de maio 1888 com promulgação da lei Áurea, feita pela princesa Isabel:

Até 1888, ano da abolição formal da escravidão no Brasil, por meio da chamada Lei Áurea, a população negra escravizada vivenciou a experiência de ter seus poucos direitos, assinalados em vários documentos oficiais, sob a tutela dos senhores de terra e do Estado (CHALHOUN, 1990; MATTOS, 1997). No entanto, a série de barreiras forjada nesse contexto não impediu as populações negras de promover a continuidade de suas histórias e suas culturas, bem como o ensinamento de suas visões de mundo. (BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, 2006, p. 16).

Mesmo com a Lei Áurea os negros não conseguiam emprego, o preconceito da sociedade acabava fechando as oportunidades para eles. Salienta-se que mesmo passados 131 anos que a lei que liberta os escravos, ainda é vista uma realidade bem cruel da população negra, pois a mesma sofre muito preconceitos e discriminações raciais.

Como diz o antropólogo Darcy Ribeiro:

A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, seviciar e machucar os pobres que lhe caem às mãos. Ela, porém, provocando crescente indignação nos dará forças, amanhã, para conter os possessos e criar aqui uma sociedade solidária. (RIBEIRO, 1995, p. 120).

A maioria da população afro-brasileira passou a viver em lugares em condições péssimas, sobrevivendo de empregos informais e não valorizados. A cada dia que passa vemos que a história dos negros no Brasil vem sendo cada vez menos valorizada, visto que abolição não livrou totalmente os negros da escravidão, pois os despediu de mãos vazias.

2.1. O Racismo no Brasil

Afirmar que não existe racismo no Brasil ou negar que existem manifestações de preconceito é querer esconder séculos de discriminação e sofrimentos impostos aos negros na história do Brasil. Propomos nesse tópico uma breve reflexão acerca desse “fenômeno” e suas implicações na formação de uma autoestima nas crianças negras na escola, em especial, na Educação Infantil.

Podemos dizer que o racismo no Brasil se deu no período colonial quando os portugueses trouxeram para o nosso país várias raças e etnias provenientes do continente africano. Após o período abolicionista o Brasil se tornou um país composto por uma pluralidade cultural fazendo com que o Brasil passasse a ser conhecido como um país miscigenado, composto, em sua maioria, por pardos e negros. Segundo dados do IBGE 2014: Os negros (pretos e pardos) eram a maioria da população brasileira em 2014, representando 53,6% da população. Os Brasileiros que se declaravam brancos eram 45,5% (UOL Economia, 2015). Mesmo com essa miscigenação, não vivemos em uma democracia, seja ela social ou racial, ainda há uma grande desigualdade.

Cavalleiro (2001) vem dizer que: “O mito da democracia racial, que afirma “que todos são iguais perante a lei”, mas trata desigualmente, faz com que as desigualdades socioeconômicas sofridas pela população negra sejam vistas como de sua inteira responsabilidade, bastando se esforçar para conseguir “chegar lá.” (CAVALLEIRO, 2001 p. 99).

A desigualdade social e racial foi instalada na sociedade de forma radical, mesmo a maior parte da população sendo negros e pardos e perceptivo que somos a classe menos favorecida, a cor da pele vem determinar os status social na nossa população considerando que maior parte da população pobre na nossa sociedade é formada por negros. Os dados do IBGE 2014: apontam que: O percentual aumentou nos últimos 10 anos. Em 2004, 73,2% dos mais pobres eram negros, patamar que aumentou para 76% em 2014. Esse número indica que três em cada quatro pessoas que estão na parcela dos 10% mais pobres do país são negras. (UOL Economia, 2015).

Esses dados vêm apontar que a desigualdade social e racial vem crescendo cada vez mais no nosso país, visto que para a população negra tem se tornado mais difícil chegar ascensão social. Percebemos uma grande exclusão que há com a população negra para se inserir no mercado de trabalho. Segundo Pereira(2018):

[...] dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A discriminação no mercado de trabalho também é escancarada. Enquanto a média de rendimento mensal do profissional

branco é de R\$ 2.697, a do trabalhador preto é de mensal R\$ 1.526, aponta a PNAD. (PEREIRA, 2018).

Os dados aqui descritos revelam uma desigualdade social existente em nossa sociedade é perceptível que boa parte da população negra tem sido cruelmente vítima de uma sociedade altamente preconceituosa e quando falamos de preconceito racial não podemos deixar de mencionar a prática racista institucionalizada que há no Brasil, os negros carregam consigo grandes marcas de um povo que lutou e ainda luta para terem seus direitos reconhecidos pela sociedade. Maioria dos negros que estão presentes na nossa sociedade, estão a maior parte vivendo em favelas e bairros periféricos, a discriminação racial é tão forte em nossa sociedade que a população negra ainda sofre dificuldades para se integrar no mesmo local que os brancos.

O que podemos notar, que mesmo com a lei que foi estabelecida em no nosso país que é considera crime todas as práticas racistas em nossa sociedade, ainda é visto um grande desrespeito que é fortemente exposta no país onde exala nas mídias uma sociedade altamente respeitosa. A Lei de nº 7.716/1989 vem ressaltar que:

[...] os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor, por meio da Lei nº 7.716, de 5-1-1989, parcialmente alterada pela Lei nº 9.459, de 13-5-1997. Dessa forma, serão punidos os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor, etnia, religião ou procedência nacional. (BRASIL MINISTERIO PUBLICO DA UNIÃO, 2019, p. 3).

Mesmo com Leis que garantem punição para quem comete atos de discriminação e preconceito para com pessoas negras, na realidade, são inúmeros os casos dessas práticas. Basta acessarmos um site de notícias ou ligarmos a TV que temos acesso a relatos de pessoas sofreram com a discriminação racial. É fato que a própria mídia contribui para que isso aconteça, as produções cinematográficas, animações, desenhos infantis e até comerciais de TV contribuem para a disseminação de preconceitos.

Segundo Vieira(2017):

O negro é retratado a partir de representações que ajudam a perpetuar diversos matizes de desigualdade e discriminação. Na imprensa, o afrodescendente continua associado à editoria policial, relacionado à criminalidade e à violência. Eles também aparecem quando são destaques no esporte e na cultura, especialmente na música. A mídia oferece através da exclusão ou distorção da imagem do negro, informações que consolidam a distinção social e de classe que permeiam as relações entre negros e brancos (VIEIRA, 2017, p. 6 [52]).

As representações dos negros nas mídias em geral não são favoráveis à construção de uma imagem positiva. Quando não são retratados como escravos submissos, são os pobres em condição de miserabilidade ou criminosos. Esse tipo de representação corrobora com a disseminação de

estereótipos e a manutenção de preconceitos e vai mais além, contribui para que pessoas negras, sobretudo crianças, não se aceitem como tal. As pessoas precisam de um referencial positivo para poderem se identificar. Infelizmente, a mídia brasileira está muito “distanciada da grande diversidade étnico-racial brasileira, a mídia continua retratando os afrodescendentes de maneira discriminatória, preconceituosa e estereotipada” (VIEIRA, 2017, p. 7 [53]).

Para o autor anteriormente citado, essa “invisibilidade” das pessoas negras proporcionada e institucionalizada e tornada natural pela mídia exerce uma influência nas atitudes e no pensamento das pessoas o que nos leva a considerar a mídia como colaboradora e reprodutora do racismo. Isso nos leva a considerar que o racismo é algo presente na nossa sociedade atualmente, tão ou mais presente quanto foi no passado na época do escravismo.

Sabemos que o que contribui com a depreciação da pessoa negra é a história e, sobretudo, a forma como essa história é transmitida. A imagem do negro escravo, submisso e passivo diante do maltrato por que passou leva as crianças negras a não se orgulharem de suas origens. A criança negra precisa ter referências positivas nas quais possa se espelhar e identificar.

O antropólogo e pesquisador Kabengele Mununga, em entrevista à Revista Fórum no ano de 2011, afirma que, no Brasil, o racismo existe, mas de forma velada, escondido em práticas sutis que vitimam tão cruelmente quanto o de forma aberta. Isso quer dizer que as pessoas cometem discriminação e racismo sem reconhecerem essas práticas como tais. Durante muito tempo, no Brasil, indígenas e negros viveram sem leis que lhes concedessem proteção. Sempre foram discriminados e tratados à parte, como se fossem seres “diferentes”, não apenas nos traços fenotípicos, como a cor da pele ou a espessura dos lábios, por exemplo. Por isso, se torna difícil delimitar e explicar o termo racismo. O pesquisador ainda afirma que a afirmação de que somos todos iguais perante a Lei não é suficiente, se faz necessário fornecer meios para que essa igualdade ocorra, criando políticas públicas de promoção da igualdade racial.

2.2. Conceitos importantes sobre as relações étnico-raciais

Este ponto tem como objetivo apresentar alguns conceitos importantes sobre a relações étnico-racial, tendo em vista abordar de forma breve os seguintes conceitos: Diversidade Cultural, Racismo, Discriminação, Preconceito.

A Diversidade Cultural é um conjunto de experiências vividas por diversas pessoas, que pode está localizada em diversos lugares composta e estão ligadas as diferentes culturas, religião, tradições, costumes, valores, línguas, artes, culinária organização política, familiar e entre outros. A diversidades cultural foi um conceito criado para compreender varias diferenças que estão instaladas ao redor do mundo, com o intuito de diferenciar alguns elementos de forma construtiva que estão ligados a uma identidade cultural.

Com diversidade cultural existente em nosso país, a população brasileira infelizmente não recebeu de braços abertos a cultura advinda da África e acabou gerando uma serie de conflitos dentro da sociedade causando o preconceito.

O Racismo baseia-se em um conceito que exista diferentes raças humanas, considerando que uma é superior a outra. O racismo está associado às raças, etnias, ou características físicas, as pessoas consideradas racistas baseiam-se na superioridade, nota-se que o racismo vem se impregnando na nossa sociedade de forma cruel, podemos identificá-los em diferentes formas e locais, existe o racismo institucional, individual, cultural, primário e etc.

Segundo o Dicionário Aurélio (2018) o termo raça se refere a “um conjunto de ascendentes e descendentes de uma família ou de um povo, os quais conservam, por disposições hereditárias, caracteres físicos, culturais, ou outros, semelhantes”. Cashmore (2000, p. 458), no Dicionário de Relações Étnicas e Raciais define raça como “Um grupo ou categoria de pessoas conectadas por uma origem comum”. Segundo o autor, o termo pode adquirir outros significados de acordo com o seu emprego, isto é, com o contexto em que for aplicado, mas reforça que ele sempre estará atrelado ao sentido de ascendência.

Em uma pesquisa mais aprofundada, encontramos uma definição mais antiga em que temos raça como “Designando espécies distintas de homens, tanto do ponto de vista da constituição física quanto do ponto de vista das capacidades mentais” (SILVÉRIO, 1999, p. 54), em outras palavras, o autor afirma que raça pode significar um grupo de pessoas que são definidas pelas características fenotípicas.

Uma definição como a apresentada acima sustentou afirmações de inferioridade dos negros com relação aos demais povos durante muito tempo. Cientistas fizeram uso dessa definição no século XIX para defender que diferenças físicas e biológicas eram fatores determinantes para definir diferenças, inclusive, na vida social. Logo, negros pertenciam, por natureza, a uma “raça” inferior aos brancos. Também foram justificadas por essa definição de raça as políticas de

colonização da Europa, inclusive a nossa, em que indígenas e depois africanos e seus descendentes foram escravizados.

O Parecer CNE/CP 003/2004(BRASIL, 2004) afirma que:

O termo *raça* é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. (BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004).

No contexto brasileiro, quando se fala em *raça*, logo vem à mente os negros. É comum ver essa palavra associada a atributos negativos relacionadas às pessoas negras. Há atualmente um movimento contrário a essa prática liderado pela militância do Movimento Negro que atribuiu uma conotação política ao termo e buscam utilizá-lo de forma positiva (CNE/2004).

Assim, o racismo é um problema evidente e atual na sociedade brasileira. Ele é reflexo de um sistema de opressão e de marginalização de um grupo étnico-racial que possui características próprias em relação ao físico e à cultura. Ele é reflexo e resultado da escravidão a que foi submetido o povo negro, povo esse que trabalhou pela construção material e econômica de nosso país, mas que nunca foi reconhecido e tratado com dignidade.

Já o termo preconceito tem sua origem em dois termos que vêm latim: *prae* que significa antes e *conceptu*, que significa conceito CASHMORE(2000). Segundo o autor,

Este termo pode ser definido como o conjunto de crenças e valores apreendidos, que levam um indivíduo ou um grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com estes (CASHMORE, 2000, p. 196)

Analisando o termo compreendemos que a fonte do preconceito é o pensamento de desigualdade promovido entre negros e brancos, associados respectivamente a pobres e ricos; maus e bons; feios e bonitos; demoníacos e divinos no decorrer da história.

Dessa forma, o termo preconceito pode ser definido como uma ideia preestabelecida ou concebida sem um conhecimento prévio. Como exemplo, podemos citar o caso do pai de família que se dirigiu a uma loja de calçados. Acompanhado do filho e do genro, com intenção de comprar um tênis. Ao efetuar a compra e sair da loja foi abordado por policiais militares que estavam em diligência à procura de um assaltante. Vale ressaltar que, a “confusão” se deu pelo fato do homem ser negro. Os policiais fizeram um pré-julgamento do homem associando a sua cor de pele à marginalidade, ou seja, agiram movidos por um preconceito. PIAI (2017). O caso veiculado nas

mídias e nos principais meios de comunicação do país é um exemplo dentre muitos que refletem o preconceito que impera na nossa sociedade.

Segundo Bandeira e Batista (2002), o preconceito é uma maneira de agir e pensar de forma arbitrária e muitas vezes funciona como forma de controle social delimitando diferenças e fronteiras entre pessoas e grupos. Para Cavalleiro (2004) o preconceito é sempre uma atitude negativa em relação ao outro. O autor enfatiza que ele é sempre o resultado de uma ideia antecipada baseada em padrões de que se utiliza para fazer comparações.

O preconceito é formado por pessoas intolerantes que antes de conhecer o outro acaba fazendo um pré-julgamento desprezando o ponto de vista das demais pessoas, muitas das vezes o esse sentimento vem carregado de raiva e hostilidade. O preconceito é resultado de uma sociedade ignorante e desprezível que não consegue respeitar as ideias e diferenças das outras e se torna incapaz de socializar-se com determinado grupos e culturas. Existem várias formas de preconceito na nossa sociedade, identificamos os mais comuns que são, social, racial, religioso e orientação sexual ou homofobia.

Preconceito e discriminação andam juntos. O primeiro leva à segunda, pois em decorrência do preconceito somos levados à discriminação. Segundo o Dicionário Aurélio (2018), discriminar significa fazer distinção, aceção de pessoas ou objetos tendo por base um padrão. No caso da discriminação racial, os negros são tratados de forma desfavorável, inferior, sem valor em comparação com o branco, considerado um ser valoroso e virtuoso.

3. O RACISMO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A cada dia que passa vemos que o preconceito racial vem se introduzindo de formas diferentes na nossa sociedade, percebemos que desde muito cedo esses ataques maldosos vêm assolando a população afro-brasileira e podemos identificar que a escola não está isenta desses ataques preconceituosos. Para desconstruir esses ataques racistas existentes, as escolas deveriam se aprofundar mais nos estudos das relações étnico-raciais, proporcionando as nossas crianças conhecer mais a história dos nossos antepassados como ressalta a Lei 10.639/03(BRASIL,2003), que alterou a Lei 9.394/96(BRASIL,1996), e que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas.

Sabemos que não é uma tarefa fácil este processo de desconstrução do estereótipo que sociedade impõe na cultura afro-brasileira, mas não é impossível. A escola como uma instituição que se preocupa com a realidade dos alunos, deveria promover a conscientização da sociedade para a compreensão das relações étnico raciais existente em nosso país promovendo a igualdade racial e o respeito um pelo o outro:

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivamente da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e as discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. (BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004 p.14).

O preconceito racial tem se instalado principalmente no contexto escolar onde há uma grande diversidade cultural e racial, o tratamento desigual ainda continua, onde há momentos que os professores não possuem formação adequada para lidar com a desigualdade e acabada contribuindo para a propagação desses tratamentos racista, muitas das vezes, isso acontecem porque os educadores não têm conhecimento da história dos negros e suas contribuições na sociedade.

Ainda encontramos os negros vivendo em ambiente de condições péssimas, seja no âmbito de trabalho onde não há valorização sendo desqualificado pela cor de sua pele e capacidade intelectual, ou no ambiente educacionais, onde não há unidades públicas de qualidade para atender as crianças negras que são marginalizadas pela sociedade e acaba dificultando o acesso a uma educação de qualidade onde haja a socialização e preparação para adentrar ao mercado de trabalho. Segundo Silva: “Note-se que, nestas áreas, os equipamentos educacionais públicos são menos

adequados, seja do ponto de vista da conservação dos prédios, seja da qualidade do ensino ministrado¹²” (SILVA, 2002).

É visto que maioria dos alunado negro pertencente as escolas públicas são pobres e tem uma renda per capita baixa: Alguns dados nos mostra que:

O Ipea calcula que 65% dos brasileiros pobres são negros, contra 20% dos ricos” (Folha de S.Paulo, 08/5/2001). Ricardo Henriques declara que “Os efeitos idade raça se combinam de forma a que os oito piores grupos de nossa estratificação correspondem ao conjunto de homens e mulheres pretos ou pardos entre 0 e 14 anos de idade. Em todos esses grupos a pobreza é superior a 60%. (SILVA, 2002, p. 21)

Esses dados nos mostra o tamanho da desigualdade que a em nosso país, mesmo com o passar dos anos a sociedade afro-brasileira ainda sofre com um índice de pobreza altíssimo em nosso país. Ao nos deparar com essa porcentagem descrita acima, vemos o quanto o nosso país está longe de alcançar a igualdade, onde a sociedade brasileira se torna fraca, pois não sabe respeitar as diferenças um do outro e acaba marginalizado cruelmente a população negra.

A criança negra ao iniciar sua trajetória escolar se depara com algumas discriminações, não só por parte dos alunos, mas por todos que fazem parte do corpo da escola, acaba seguindo um processo de branqueamento. Esse processo que os professores e funcionários exerce na escola acaba frustrando os alunos negros e percebemos que isso acaba gerando uma invisibilidade dos alunos afro-brasileira provocando a exclusão e a evasão escolar. Em algumas falas dos professores(as) ou dos funcionários que fazem parte da escola podemos identificar alguns comentários de forma pejorativa. Como diz Silva(2002):

[...] (diretores, coordenadores, inspetores de aluno, equipe operacional), que muitas vezes é marcada por autoritarismos e visões estereotipadas, que poderiam ser exemplificadas nas falas: “O pessoal da favela só vem na escola para comer”; ou “Não adianta chamar o pai, porque ele só sabe beber!”; ou ainda, “Os alunos negros são os que mais dão trabalho no recreio. Adoram uma bagunça!” (SILVA, 2002, p. 32).

A exclusão escolar por racismo já deveria ter acabado se as escolas seguissem à risca a Lei 10.639/03(BRASIL,2003), e que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas, podemos identificar que os professores não conseguem trabalhar de forma adequada as questões étnico racial dentro das escolas e com isso percebemos que as crianças negras não com conseguem se inserir ou reconhecer a importância e ter orgulho da história dos negros na nossa sociedade. O que é visto é que as crianças negras não conhecem a verdadeira

história a qual pertencem e acontece que elas não sentem orgulho da sua história e acaba se envergonhado dela, pelo fato de só escutar falar sobre os escravos de forma marginalizada.

“É tarefa da escola fazer com que a História seja contada a mais vozes, para que o futuro seja escrito a mais mãos. É necessário romper o silêncio a que foram regaladas negros e índios na historiografia brasileira, para que possam construir uma imagem positiva de si mesmo”. (CAVALLEIRO, 2001, p. 107).

Mesmo depois de mais de 130 anos do período abolicionista vemos que umas das tarefas mais difícil da educação é eliminar do contexto escolar a desigualdade social e racial, o acesso a uma educação de qualidade é um direito de todos os brasileiros. A desigualdade social ainda persiste na educação principalmente nas escolas públicas onde é perceptível que há uma grande despreparação. Quando falamos de educação de qualidade podemos notar que as escolas públicas são a mais prejudicadas no aspecto qualidade, é visto em alguns dados que o índice de evasão escolar só tem aumentado durante esses anos e as pessoas que mais abandona as escolas são a grande maioria negros.

3.1. O papel dos docentes na construção de uma educação antirracista

Os alunos ao começar sua trajetória escolar, levam para escola vários conhecimentos e carregam consigo várias marcas tanto positiva como negativa. Tanto o aluno de pele escura como também os alunos de pele branca a se introduzir no ambiente escolar alguns já levam na sua bagagem alguns preconceitos tanto a criança negra com a branca. A criança negra ao ir a escolas já se sente inferiorizada e a criança branca já leva o estereótipo que muitas das são construídos no contexto familiar. Nesse momento o professor passa a ser fundamental para atuar na desconstrução desses pensamentos que as crianças trazem para dentro da sala de aula.

Na educação infantil sabemos que os docentes são os que mais se aproxima do aluno, e são capazes de influenciar na construção de uma educação antirracista, mas notamos que o mesmo está totalmente despreparado para lidar com as questões étnicos raciais acaba promovendo a propagação de comentários pejorativos. Muitos educadores ao iniciar o ano letivo já se mostram predisposto a não esperar os melhores resultados dos alunos negros, advindo da camada menos favorecida. Segundo Cavalleiro(2001):

O desejo permanente de refletir com educadores a temática racial não significa que eu entenda que os prejuízos da população negra se dão unicamente no espaço escolar, tampouco que eu pense que os profissionais da educação são únicos responsáveis pela disseminação do racismo na sociedade. Ele se deve ao fato de perceber o professor como um forte aliado para formar cidadãos livres de sentimentos de racismo. E, felizmente, ao longo dessa trajetória tenho encontrado muitos educadores negros e não-negros comprometidos com a eliminação do racismo discriminações no ambiente escolar, tornando a escola um espaço de desenvolvimento e satisfação para todos os que lá estão presentes (CAVALLEIRO, 2001, p. 141).

Os docentes como formadores e transmissores de conhecimentos devem contribuir na construção de uma identidade cultural, deve-se ressaltar nas escolas a grande diversidade e riqueza cultural que há em nosso país. Nota-se um grande despreparo que há na educação para introduzir no currículo educacional a cultura africana e afro-brasileira, é visível que além dos despreparos dos educadores também a uma grande lacuna nos livros didáticos que deve ser preenchida. Podemos identificar que uma carência na formação dos professores, não possibilitando o reconhecimento das questões raciais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a escola é um espaço privilegiado para a promoção da igualdade e eliminação de toda forma de discriminação e racismo, por possibilitar em seu espaço físico a convivência de pessoas com diferentes origens étnicas, culturais e religiosas. Além disso, atuação é intencional, constante e obrigatória. (CAVALLEIRO, 2001, p. 105).

A identidade da criança afro-brasileira começa a ser formada na trajetória escolar. E através do seu convívio com outras pessoas elas começa a perceber em qual grupo social as pertencem, quando não há o reconhecimento a criança começa a se sentir excluída do ambiente a qual está inserida, o professor com agente transmissor do conhecimento não deve se limitar ao que o aluno já sabe, mas deve introduzir no cotidiano dos alunos métodos que promovam a interação entre aluno-aluno e professor-aluno para que haja uma troca de conhecimento e fazendo com que o ambiente escolar se torne mais sociável.

A identidade negra não se constrói apenas pela cor ou pela diferença biológica, ela começa a ser formada com um tempo, quando o processo histórico começa ser delineado baseando-se nas experiências vividas por cada uma das pessoas. Podemos afirmar que é uma falsa ideia acreditar que haja a igualdade no contexto educativo ou que não práticas racistas. O racismo está impregnado na sociedade, é visto que está longe de alcançarmos a tão desejada democracia racial Cavalleiro vem dizer que é um mito acreditar na democracia racial:

“Não se sustenta mais o mito da democracia racial, consagrado por constatar, mas sem promover a harmonia entre os diferentes grupos que constituíram a história brasileira: índio, negro e brancos” (CAVALLEIRO, 2001, p. 97).

O professor passa a ser uma peça fundamental para atuar na quebra do preconceito existente em sala de aula, o professor como mediador pode utilizar recursos e atividades pedagógicas que possa atuar nesse processo de inclusão beneficiando as crianças negras, a se sentirem parte do sistema educativo, e promovendo um convívio pacífico e democrático no contexto escolar.

A elaboração do conhecimento exige o envolvimento pessoal, o tempo e o esforço dos alunos, assim como ajuda especializada, estímulos e afeto por parte dos professores e dos demais colegas. Ajuda pedagógica ao processo de crescimento e construção do aluno para incentivar os progressos que experimenta e superar os obstáculos que encontra. (ZABALA, 1998, p. 97)

Para construir uma educação antirracista os educadores devem promover métodos que promovam a valorização da cultura afro-brasileiras, para que não só alunos negros, mas todos que fazem parte da sala de aula venha conhecer e valorizar esta cultura que é tão forte em nosso país. Para que haja a valorização da cultura desde muito cedo os professores devem introduzir nas suas aulas o ensino da história afro-descendentes e afro-brasileira. “Uma educação antirracista prevê necessariamente um cotidiano escolar que respeite, não apenas em discurso, mas também em prática, as diferenças raciais. É indispensável para a sua realização a criação de condições que possibilitem a convivência positiva entre todos” (CAVALLEIRO, 2001, p. 157).

Podemos encontrar no contexto escolar crianças negras sendo inferiorizadas através de imagens que são passadas pelo estereótipo que inferiorizam sua identidade de forma que as façam se sentir excluídas do processo educativo. Apelidos e comentários pejorativos como “moreninha” “pretinha” ou até mesmo “marrozinha” fazem parte do cotidiano das crianças negras.

Precisamos entender que a criança negra não é “pretinha”, nem “moreninha”, “marrozinha”. Quando a criança reclama que não quer ser negra, ela está nos dizendo que não quer o tratamento costumeiramente dado às pessoas pertencentes a este grupo racial. O que ela não quer é ser ironizada, receber apelidos, ser excluída das brincadeiras... Assim, melhor do que chamá-la de “moreninha” para disfarçar a sua negritude é cuidar para que ela receba atenção, carinho e estímulo para poder elaborar sua identidade racial de modo positivo. (CAVALLEIRO, 2001, p. 156).

Esses comentários não podem ser tratados como brincadeiras, essa é uma das formas que os colegas de sala ou até mesmo aqueles que fazem parte do corpo escolar, encontram para inferiorizar as crianças negras, e acaba provocando inúmeros traumas. São esses tipos de discriminação que

acontece frequentemente no ambiente escolar e nós como professores não podemos permitir que esses comportamentos aconteçam dentro de sala de aula, pois estaríamos concordando com as práticas racista que estão instaladas no ambiente escolar.

“A *prática pedagógica* desenvolvida no dia-a-dia constitui um artefato de grande valor para mostrarmos aos alunos e às alunas o nosso respeito” (CAVALLEIRO, 2001, p. 157).

Quando a criança é vítima de racismo em sala de aula, ela começa a ter menos rendimentos nas aulas, acaba tendo prejuízos na aprendizagem. Nesse momento os professores passam a ser essencial na desconstrução de todo preconceito existente em sala de aula, para que os alunos percebam que o respeito vai muito além dos muros da escola.

3.2. Autoestima da criança negra

A autoestima é de suma importância para o desenvolvimento e crescimento da criança tanto emocional, psicológico cognitivo e social, visto que para haja a autoestima da criança ela tem que se sentir valorizada para se tornar uma pessoa com autoconfiança. Percebemos que as crianças negras não têm uma boa autoestima pois a sua autoimagem acaba sendo marginalizada de forma cruel. Muita criança negra ao se deparar com a sociedade acaba se fragilizando com os comentários maldosos que a sociedade impõe na população negra.

A família e a escola passam a ser fundamentais para o crescimento da autoestima da criança negra, eles são a principal influência que pode ajudar na construção da sua identidade e personalidade. É nesse local que as crianças procuram referência para construir a sua personalidade, a escola e família devem seguir juntas procurando sempre contribuir para o crescimento e desenvolvimento da criança diante de uma sociedade extremamente preconceituosa.

“Abraços, beijos, afetos, olhares e demais comportamentos que evidenciem afeição devem ser dirigidos também para crianças e adolescentes negros. Essas atitudes e esses comportamentos sinalizarão que aceitamos nos relacionar com todos” (CAVALLEIRO, 2001, p. 157). Precisamos demonstrar mais afeto pelas crianças negras e mostrar para elas que, o quanto elas são bonitas independente da sua cor de pele ou do tipo de cabelo cada um tem sua peculiaridade.

A autoestima é fundamental para que o indivíduo tenha uma formação pessoal e passe a ter um bom convívio com a sociedade e possa se desenvolver de forma positiva. A autoestima da criança negra está ligada a autoimagem e quando não há uma construção de forma significativa da

sua imagem, a sua autoestima passa a ser construída de forma negativa. Alguns fatores familiar e educativo contribuem para que autoestima da criança passe a ser construída de forma negativa, quando não o desenvolvimento positivo da autoestima a criança passa a se sentir excluída dificultando socialização tanto no contexto familiar como também no escolar.

Percebemos que muitas crianças negras passam a se sentir inferior aos demais colegas em sala de aula, esse sentimento acaba causando inúmeros reflexos negativos e um deles são o baixo rendimento escolar a criança começa se excluir das atividades grupais não conseguindo socializar com os colegas em sala de aula porque não sente seus valores culturais valorizados. É nesse momento que o professor ao identificar deve intervir com atividades que proporcione a interação entre todos que fazem parte do convívio escolar e para que isso aconteça o professor deve planejar bem suas aulas.

Tem que ser um planejamento suficientemente flexível para poder se adaptar as diferentes situações da aula, como também deve levar em conta as contribuições dos alunos desde o princípio. É importante que possam participar da tomada de decisões sobre o caráter das unidades didáticas e a forma de organizar as tarefas e seu desenvolvimento, a fim de que não apenas aumentem o nível de envolvimento no ritmo da classe em geral, como em seus próprios processos de aprendizagem, entendendo o porquê das tarefas propostas e responsabilizando-se pelo processo autônomo de construção do conhecimento. (ZABALA, 1998, p. 94).

Identifica-se que a dificuldade de interação que a criança negra desenvolve, pode estar ligada a baixa autoestima, quando há um bom desenvolvimento na valorização da sua cultura podemos identificar que a criança se sente valorizada e sua autoestima passa ser uma ferramenta para a construção de sua identidade.

“É tentar refazer a história individual na história coletiva então desprovida, na maioria das vezes, de referências encobertas na memória. Positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negras” (MUNANGA, 2005, p. 120).

Uma forma também de valorizar a cultura afro-descendentes e ajudar no crescimento da autoestima da criança negra na educação infantil é através da literatura infantil onde pode utilizar para auxiliar na construção da identidade através dos personagens negros.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1. Os Caminhos Percorridos

A presente pesquisa foi de natureza qualitativa. Os métodos utilizados na construção desse trabalho foram a Pesquisa de Campo e o Estudo de Caso.

A pesquisa de campo serviu para nos proporcionar uma aproximação maior com o campo de observação, para melhor delinear outras questões, tais como os instrumentos de investigação” (MINAYO, 1994, p. 32). Por meio das nossas observações na escola foi possível delimitar as professoras e as turmas em que iríamos focar nossa pesquisa, uma vez que o campo da pesquisa era amplo e necessitava de uma delimitação. Essa fase da observação e do campo da pesquisa e delimitação do mesmo é chamada por Minayo (1994) de fase exploratória. Ainda segundo a autora o “campo de pesquisa como o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação” (MINAYO, 1994, p. 57).

De acordo com Minayo (1994) a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificada, ou seja, esse tipo de pesquisa se volta para o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um âmbito mais profundo das relações e dos fenômenos que não podem ser representados pela operacionalização de variáveis.

Para obtenção dos dados que serão aqui analisados foi aplicado um questionário com 05 questões abertas que foram respondidas por 05 professoras da Educação Infantil atuantes na escola. As respostas desse questionário serão analisadas à luz da teoria estudada, em busca de compreender a postura dos professores diante da necessidade de se realizar ações de combate à discriminação e ao preconceito para com crianças negras na escola e que venham a contribuir com a construção de uma autoestima dessas crianças no ambiente escolar, em especial, na Educação Infantil.

Os dados também foram coletados por meio de consulta a documentos oficiais da escola, tais como o PPP (Projeto Político Pedagógico), o PIP (Projeto de Intervenção Pedagógica) e outros projetos didáticos desenvolvidos na escola no decorrer do ano letivo.

Nesse sentido estudamos os contextos das questões étnico raciais, bem como alguns conceitos relacionados a elas tais como, racismo, discriminação e preconceito, enfatizando sempre o ambiente escolar e as ações educativas. Também foi objeto da nossa pesquisa o conhecimento dos professores acerca da Lei 10.639/03. Esses dados foram coletados por meio de questionário aberto, pois segundo Minayo (1994, p. 59), a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva.

Optamos pelo questionário individual para podermos confrontar os posicionamentos das participantes da pesquisa.

4.2. Participantes

Participaram da pesquisa 05 professoras que atuam em turmas da Educação Infantil Escola municipal, sendo todas elas do sexo feminino (100%), com idade entre 25 e 48 anos de idade. 04 entre as participantes (80%) se autodeclaram “pardas”, ou seja, assumem fazer parte do enorme grupo de brasileiros miscigenados e, apenas 01 (20%), se declara branca. No que se refere ao tempo de atuação no magistério, 01 participantes (20%) declarou que atua há 1 ano e meio; 01 participantes (20%) declarou que atua a 11 anos e 03 participantes (60%) declararam que atuam há mais de 20 anos, sendo 01 (20%) declarou que atua há 21 anos; 01 (20%) há 23 anos e 01 (20%) há 28 anos, respectivamente.

No que se refere à formação acadêmica, todas as participantes (100%) declararam possuir a formação em nível superior, com o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia com habilitação para atuação na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental. 02 participantes (40%) declararam que não possuem pós-graduação e 03 participantes (60%) declararam possuir pós-graduação, conforme a tabela a seguir:

Quadro 1: Formação das professoras.

Identificação	Idade	Tempo de atuação no Magistério	Formação em Pedagogia	Pós-Graduação
PROFESSORA A	25 anos	1 ano e meio	Sim	Não
PROFESSORA B	36 anos	11 anos	Sim	Sim
PROFESSORA C	41 anos	21 anos	Sim	Não
PROFESSORA D	44 anos	23 anos	Sim	Sim
PROFESSORA E	46 anos	28 anos	Sim	Sim

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

4.3. Instrumentos de pesquisa e procedimentos

As participantes da pesquisa foram abordadas em sua própria escola pela pesquisadora por meio de um questionário dividido em duas partes, a primeira parte se referia à identificação dos participantes, idade, formação acadêmica e tempo de atuação no magistério e na escola. A segunda parte, constava de 05 questões abertas e referentes ao tema da nossa pesquisa. Eram as questões:

1. Você conhece a Lei 10.639/03, que estabelece o ensino de História e Cultura Africana e afro-brasileira nos currículos escolares?
2. De que forma você tem introduzido o tema da cultura africana e afro-brasileira em sua sala de aula?
3. Você já se deparou em sua sala de aula com alguma prática racista? Se sim, como você resolveu?
4. Você considera que a escola tem contribuído para a inclusão desse tema?
5. Em sua graduação, você teve o conhecimento das questões étnico-raciais?

Foi solicitado às participantes da pesquisa que respondessem por escrito as questões acima discriminadas. Vale ressaltar que foram distribuídos 08 questionários, mas 03 professoras se recusaram a responde-lo, 01 alegando falta de tempo para o fazer e 02 alegando serem as perguntas muito difíceis. No entanto, a recusa não impediu a realização da nossa pesquisa, uma vez que, conforme afirmamos, ela é de cunho qualitativo, não importando para a mesma os dados quantitativos.

O instrumento foi disposto num documento com duas páginas: na primeira, havia a apresentação com a identificação da universidade a que pertencemos, o nome da pesquisadora, da professora orientadora da nossa pesquisa e o título da mesma, bem como a primeira parte do questionário com a identificação dos participantes e as 03 primeiras questões. Na segunda folha, as 02 questões restantes.

Foi informado às professoras participantes da pesquisa que seus nomes seriam preservados e que o objetivo de nossa pesquisa é meramente científico e não faz parte dele a avaliação da atuação delas em sala de aula, mas a verificação de ações de combate à discriminação e ao preconceito racial em sala de aula e no ambiente escolar como um todo e as ações promovidas pela escola para o alcance desse objetivo.

Os dados e resultados obtidos serão analisados à luz da teoria estudada em tópico posterior nesse trabalho.

4.4. Caracterização da escola: o campo da pesquisa

A escola municipal, localizada na cidade de Mulungu-PB, foi fundada no dia 28 de janeiro de 1973. O Nome da escola foi ocultado para resguardar o anonimato do local de pesquisa. Atende as duas modalidades da Educação Básica, é composta por: 12 salas de aula do prédio da escola e mais 03 em um anexo, pois o espaço físico da mesma não comporta, na atualidade a demanda de alunos. No prédio encontramos 16 banheiros destinados aos alunos, sendo 08 destinados ao público feminino e 08 ao público masculino. 02 banheiros para funcionários, 01 cozinha, 01 refeitório, com mesas e banquetas, 01 sala de professores, 01 diretoria, 01 almoxarifado, 01 secretaria, 01 auditório climatizado, a área para recreação encontra-se nos entornos da escola, pois encontra-se em construção um ginásio poliesportivo que servirá às atividades físicas dos alunos matriculados na escola.

A escola não conta com laboratório de informática, o único computador pertencente a escola fica na sala da diretora e é destinado aos trabalhos administrativos tais como, emissão de declarações, transferências e outros documentos. As fichas de matrículas ainda são preenchidas manualmente, o que nos leva a concluir que a escola ainda não utiliza um sistema informatizado. A escola também não possui uma biblioteca, os livros que compõem o pequeno acervo estão dispostos em 04 estantes na sala dos professores. No entanto, cada sala de aula possui um espaço destinado à

leitura que é chamado de “Cantinho da Leitura”, nesse espaço, os professores e professoras dispõem livros destinados à leitura dos alunos, esse espaço é decorado e aconchegante, com o objetivo de chamar a atenção dos alunos.

Um ponto negativo que encontramos no “Cantinho da Leitura” das salas de Educação Infantil foi a ausência de livros de literatura infantil que remetesse à cultura africana e afro-brasileira. Não encontramos nenhum livro infantil no acervo das salas que possuíssem personagens negros. Isso, com certeza, influencia na autoestima da criança negra que não encontrará nas historinhas que ouve um referencial de sua cor.

No que se refere à estrutura física, consideramos a escola adequada. As salas de aula são amplas e arejadas, com boa iluminação tanto natural quanto artificial. Notamos a presença de rampas que facilitam o acesso de cadeirantes e pessoas com dificuldades e locomoção. As portas dos banheiros são largas, outro fator que nos remete à acessibilidade de portadores de necessidades educacionais especiais. Há em todas as salas de aula ventiladores e janelas amplas. A escola passa periodicamente por reparos, evitando transtornos no que se refere a sua estrutura. Diariamente o pessoal de apoio limpam as carteiras que são riscadas pelos alunos, mantendo o ambiente sempre limpo e agradável. As salas de aula são decoradas de acordo com a série e faixa etária dos alunos.

No que se refere ao quadro de funcionários, a escola possui 49 funcionários, desses 25 são professores. Dos 25 docentes que compõem o quadro da escola 23 (92%) possuem a graduação em Pedagogia e, apenas 02 (8%) ainda estão cursando. Dos 23 docentes que possuem a formação em nível superior, 17 (74%) possuem também a pós-graduação e 06 (26%) não a possuem. Há ainda 02 professores que pertencem ao quadro de funcionários que possuem a pós-graduação em nível de mestrado, porém, eles não estão atuando na escola no momento: 01 encontra-se afastado cursando o Doutorado no exterior e o outro, atua como coordenador pedagógico.

O corpo técnico administrativo é composto por 24 funcionários. Desses 05 atuam na secretaria da escola: 01 Gestora; 01 secretária escolar; 03 auxiliares administrativos. O pessoal de apoio é composto por 19 funcionários: 03 merendeiras e 16 auxiliares de serviços gerais que se dividem nos três turnos de funcionamento da escola. Há ainda 03 porteiros que atuam um em cada turno; e 02 vigilantes noturnos que se revezam durante a noite.

Os recursos destinados à escola são geridos pelo Conselho escolar que foi fundado no dia 08 de abril de 1997, conforme consta em ATA presente no livro de ATAS do Conselho Escolar. O mesmo é composto pela gestão escolar, um professor (eleito pelos demais), um representante de pais de alunos (eleito pelos demais), um representante dos demais funcionários (eleito pelos

demais), um representante da comunidade. Cada um dos membros possui um suplente que o substitui em caso de falta nas reuniões ou desistência. A função do Conselho Escolar é assessorar a gestão, acompanhar o cumprimento da Proposta Pedagógica, receber e aplicar qualquer recurso financeiro destinado à escola levando em consideração as suas necessidades, examinar e aprovar ou reprovar as prestações de contas apresentadas pelos gestores, encaminhar a quem de direito essas prestações de contas. Os membros do conselho têm 02 anos de mandato, podendo ser admitida a recondução consecutiva. Essas informações constam no Regimento Escolar e no PPP da instituição.

A escola atende atualmente a um público de 463 alunos, sendo 195 no turno manhã; 188 no turno da tarde e 80 alunos no turno da noite na Educação de Jovens e Adultos.

A escola é atendida por alguns programas tais como o PNL (Programa Nacional do Livro Didático), o PNAE (Programa Nacional da Alimentação Escolar), o PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), o SOMA e SABER (programas do Governo do Estado que visam a alfabetização na idade certa e o Letramento das crianças e adolescentes). A escola conta ainda com um programa de educação integral denominado pela Secretaria de Educação como Atividades Complementares, nesse programa as crianças que estudam em um turno, retornam para a escola no outro para participarem de atividades diversas tais como: aulas de reforço em português e matemática; Taekwon-do; aulas de dança; oficinas de futsal; capoeira; canto coral. Essas atividades constam no currículo da instituição.

A formação dos professores se dá por meio de programas de acompanhamento da Secretaria Municipal de Educação e da Assessoria Pedagógica que fica a cargo da FOCO Consultoria. Nesse ano de 2019 a formação continuada está volta para a aplicação da prova SAEB que visa “medir” o IDEB das instituições de ensino. Elas ocorrem mensalmente sob a coordenação dos técnicos da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes de Mulungu.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O/a professor/a é um profissional de extrema importância no processo de formação integral da criança, isto quer dizer que ele não é responsável apenas pela formação intelectual da criança, mas também pela formação de sua personalidade, da sua autoestima. O professor pode contribuir para a formação de uma criança com a autoestima elevada ou não.

Sabemos que uma baixa autoestima provoca na criança um distanciamento social e baixo rendimento na aprendizagem, isso acontece porque a criança com uma baixa autoestima começa a se desvalorizar e passa a se considerar inferior e menos capaz que as demais crianças que a cercam.

Os dados que serão aqui apresentados e comentados foram obtidos por meio da aplicação de um questionário aberto com 05 professoras da Educação Infantil. Inicialmente seriam 08 professoras, mas 03 delas se recusaram a responder ao questionário 01 alegando falta de tempo e 02 alegando que as perguntas eram muito difíceis de serem respondidas.

O questionário composto por 05 questões abertas teve como objetivo identificar o nível de conhecimento das professoras da Educação Infantil acerca da Lei 10.639/03(BRASIL, 2003) que trata da obrigatoriedade da inclusão de temas relacionados à História e Cultura da África e dos Afro-brasileiros nos currículos das escolas públicas e privadas de nosso país. O conhecimento da história de seu povo serve como referencial para a criança negra e pode contribuir com a elevação de sua autoestima. Por uma questão ética, omitimos os nomes das participantes da pesquisa e as mesmas serão denominadas P1, P2, P3, P4 e P5.

A primeira pergunta do questionário foi: “Você conhece a Lei 10.639/03, que estabelece o ensino de História e Cultura Africana e afro-brasileira nos currículos escolares?”. Apresentamos as respostas das professoras da tabela abaixo:

Quadro 2: Respostas da 1ª pergunta

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Sim. É uma lei que ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados sujeitos históricos.
P2	Sim. Esta lei é de extrema importância nos currículos escolares, mostrando suas diversas culturas para formar cidadãos menos racistas e, assim, ela estabelece novas diretrizes curriculares para o estudo de história na escola.
P3	Sim.
P4	Não.
P5	Conheço, é uma lei muito importante, pois visa quebrar essa visão eurocêntrica dos conteúdos dos livros didáticos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Como podemos observar nas respostas das professoras a primeira questão, 04 professoras (80%) das 05 participantes responderam que conhecem a lei e, três delas ainda expressaram conhecimento acerca de sua importância. E apenas 01 professora participante (20%) respondeu que não conhece a lei 10.639/03.

A história do nosso país tem suas origens do outro lado do oceano Atlântico, pois de lá vieram os negros africanos que aqui se tornaram mão de obra escravizada, e com eles trouxeram tradições, costumes e culturas presentes em suas cores e crenças. E foram esses elementos que contribuíram com a formação cultural e social de nosso povo. Conhecer a lei é importante para que o trabalho do docente seja voltado para o combate ao racismo na sala de aula.

Para que a criança negra tenha uma autoestima elevada, ela precisa conhecer a história de seu povo que foi e é muito importante para o nosso país. Segundo a pesquisadora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, relatora das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004):

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação étnico-raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, se relacionar com outras pessoas, notadamente as negras. (BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO 2004, p. 26).

Os professores precisam implementar nas suas salas de aula práticas pedagógicas que combatam o racismo e a discriminação racial, mostrando as crianças o lado “bonito” da história do negro em nosso país e não apenas o lado da escravidão e dos sofrimentos. Ser professor ou professora requer arcar com a extrema responsabilidade que essa profissão exige. Cabe ao educador (a) a reflexão sobre o que ensinar e como ensinar, pois trabalhar com seres humanos é muito difícil, pois cada um apresenta uma forma de pensar diferente, é influenciado por um meio diferente e é com essas realidades que precisamos lidar.

Segundo Rocha(2008):

Esse redimensionamento da perspectiva causou, evidentemente, uma enorme inquietação no meio educacional, uma vez que a Lei obriga a introdução de novos conteúdos e uma nova perspectiva. A prática docente e a formação inicial e continuada de professores e, por conseguinte, o currículo exige revisão de modo a adequarem-se às demandas legais e à satisfação da orientação pela inclusão – tônica da política educacional brasileira dos últimos anos (ROCHA, 2008, p. 57).

Não basta apenas conhecer a lei para que ela seja praticada e implementada, se faz necessário buscar conhecimento mais aprofundado acerca da questão étnico-racial e sobre como trabalhar essa temática na sala de aula.

A segunda pergunta: “De que forma você tem introduzido o tema da cultura africana e afro-brasileira em sua sala de aula?” As respostas a essa questão apresentamos na tabela 2.

Quadro 3: Respostas da 2ª pergunta.

IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTAS
P1	Através da literatura infanto-juvenil e do diálogo que surge nas rodas de conversa ou em resposta a algum ato preconceituoso.
P2	Através de livros paradidáticos podendo recorrer às imagens, pinturas, artigos de opinião, notícias ou documentários que geralmente podemos encontrar na internet e ainda para compreensão da diversidade étnica usar suporte teórico a coleção História Geral da África reeditada e disponibilizada pela UNESCO que aborda desde a pré-história do continente africano até nossos dias.
P3	Através de conversas informais, leitura e análise textuais, exibição de filmes, etc.
P4	Apenas trabalhamos o dia 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra. E há dois anos atrás a escola trabalhou um projeto pedagógico voltado para esta temática.
P5	Não é algo muito corriqueiro, mas já trabalhei historinhas, como por exemplo, “Menina bonita do laço de fita” e também o diálogo em sala de aula que trabalhe a autoestima da criança negra.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Nas respostas a essa questão percebemos que o ponto de partida para a introdução da temática da cultura negra pra alguns tem sido a literatura infantil. No entanto, em nossas observações na escola, sobretudo nas salas de aula e nos “Cantinhos da Leitura”, não observamos a presença de livros infantis com a presença de personagens negros.

É muito importante que a autoestima da criança seja trabalhada na Educação Infantil para elas cresçam mais seguras e independentes. A literatura infantil com sua ludicidade, linguagem leve e adequada ao imaginário infantil, pode colaborar com a abordagem de temas mais complexos na sala de aula. Dentre esses temas, podemos citar o respeito às diferenças, o combate ao racismo e a intolerância.

Durante a infância, a criança vive o auge de sua aprendizagem, especialmente na primeira infância, período que vai desde o nascimento até os seis anos de idade. Nesse período a personalidade da criança é formada e trabalhar a sua autoestima se faz extremamente necessário. Nesse período tudo com que a criança tem acesso e contato se torna referencial na construção de

sua forma de ver o mundo, suas ideias de família, de sociedade, de relações e de si mesmo são formadas nesse período.

No entanto, nessa fase da infância a criança ainda não filtra o que lhes é apresentado e não conseguem refletir por si só sobre o conteúdo que lhes chega, seja por meio da contação de histórias ou pelas experiências vividas em casa e/ou na escola. Elas não conseguem definir o que é bom ou ruim, nem definir se há uma outra possibilidade. Por isso precisam da intermediação dos adultos, ou seja, dos professores e professoras.

Segundo Freitag e Winkler(2014) afirmam que:

A resignificação étnico-racial e cultural do negro passa pela sua trajetória histórica desde a chegada ao Brasil até os dias de hoje. A história do negro é marcada por lutas, humilhações e sofrimento impostos pela escravização desse povo. O processo de abolição da escravatura é permeado de momentos de violência e desvalorização humana em nome do comércio lucrativo. (FREITAG; WINKLER, 2014, p. 1 [101]).

Por meio da literatura infantil, dos questionamentos que os professores e as professoras podem promover a partir dela a criança pode refletir sobre a história do povo negro e sua contribuição na formação de nosso povo. Tendo contato com histórias protagonizadas por negros, a criança poderá ter um referencial positivo que favoreça a formação de uma autoestima positivada, pois se uma criança sempre consome livros ou programas em que um padrão, seja de comportamento ou de imagem, se repita, aquela imagem ou comportamento será absorvida por ela como sendo uma verdade.

A literatura infantil pode sim contribuir com a construção de uma identidade negra positivada por meio de obras literárias que apresentem protagonistas negros em contexto de heroísmo. Mas,

Para tanto, é necessário que o professor tenha clareza do que pretende desenvolver no processo de aprendizagem de seus alunos e de algumas questões que percorrem a ação acerca do conhecimento do professor com relação ao negro: Qual é a história do negro no Brasil? Quais os aspectos a serem abordados na trajetória histórica do negro no Brasil? Como surge a Literatura Infantil? Qual a representação do negro que se tem nas obras literárias infantis? Quais obras utilizar em sala de aula? A intencionalidade no processo de construção da aprendizagem sobre o negro e sua história, desenvolvidas por meio da literatura infantil, pode proporcionar ao aluno o conhecimento e visualização das diferenças étnico-raciais que o cercam, na escola e na formação do povo brasileiro (FREITAG; WINKLER, 2014, p. 2 [102]).

O professor além de introduzir a temática por meio dos textos literários precisa ter objetivos bem definidos e planejados para que sua ação seja eficaz e alcance a meta almejada. Assim como precisa selecionar os textos com cuidado, pois muitas vezes a presença de personagens negros não

significa a representação de uma imagem do negro de forma positiva. Muitas vezes obras literárias apresentam uma imagem caricata e estereotipada do negro.

A terceira questão: “Você já se deparou em sua sala de aula com alguma prática racista? Se sim, como você resolveu esse problema?” A Tabela 3 apresenta as respostas a essa questão:

Quadro 4: Respostas da 3ª pergunta.

IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTAS
P1	Sim. Nesses 14 anos me deparei com algumas situações na quais tive que intervir com diálogos e ressaltar que somos todos iguais, independentemente de cor de pele, cabelo, etc.
P2	Sim. Desta forma utilizei uma aula dialogo e explicativa sobre essa forma racista e preconceituosa demonstrada que a cor de nossa pele não faz as pessoas serem diferentes, pois somos iguais independentemente da cor e que devemos respeitar os seres humanos porque cada pessoa tem seu valor, e assim, ensinar o estudante a se colocar no lugar do outro e enxergar que apesar das diferenças todos merecem respeito. Enfim seja por meio de literatura, debates, dinâmicas e narração de histórias sobre o preconceito será uma forma de erradica-lo para contar com a desconstrução da discriminação que houver na escola ou em qualquer lugar da sociedade.
P3	Sim, por meio de uma conversa com os envolvidos, destacando a igualdade racial.
P4	Sim. Com uma conversa explicando as consequências que pode causar.
P5	Sim, desenvolvendo atividades lúdicas envolvendo situações de aproximação para com as crianças. e também dialogando tentando quebrar os preconceitos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Observamos nas respostas das professoras participantes da pesquisa que todas elas (100%) a enfrentaram situações de práticas de racismo na sala de aula. Vale ressaltar que estamos tratando de professoras da Educação Infantil, especificamente de professoras do Pré-escolar I e Pré-escolar II, ou seja, crianças de 3 anos e meio a 5 anos de idade, o que nos leva a compreender que essas práticas estão se formando na primeira infância.

Percebemos que a principal metodologia apontada pelos professores é a “conversa” com as crianças, isto é, o diálogo sobre a temática. Estamos tratando de crianças pequenas, cuja a formação da personalidade e da identidade se dá por meio da influência do meio social em que estão inseridas.

É no ambiente escolar que as crianças aprendem a se perceber como “diferentes” das demais, isso se dá porque elas não conseguem se enxergar nos livros didáticos, nos livros literários que são apresentados a elas pelos professores. Situações de preconceito e discriminação racial nas escolas são percebidas a partir dos apelidos de conotação racista tais como “picolé de asfalto”,

“carvãozinho”, “cabelo de bucha”, dentre outros que se tornam comuns quando a única referência que as crianças têm na sala de aula é a representação dos negros e negras como sujeitos escravizados e submissos durante o período da escravidão no Brasil

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), mesmo sendo um documento antigo, com 21 anos de sua publicação, se mantém atual no que se refere a influência exercida pela sociedade na formação da criança quando afirmam:

[...] é a sociedade, quer queira, quer não, que educa moralmente seus membros, embora a família, os meios de comunicação e o convívio com outras pessoas tenham influência marcante no comportamento da criança. E naturalmente a escola também tem (PCN, 1997, p. 73).

Sabemos que a nossa sociedade, desde sua formação, sempre foi constituída por uma diversidade étnica e cultural. E essa realidade deve ser contemplada no ambiente escolar, deve estar inserida nos currículos das escolas em todas as modalidades da educação, para que as crianças desde cedo tenha contato com ela e para que se reconheça a pluralidade das vivências dos mais diversos grupos sociais que constituem o nosso povo brasileiro e a comunidade em que está inserida a escola. Os PCNs ainda afirmam que:

O preconceito, seja ele de qualquer natureza, precisa O preconceito é contrário a um valor fundamental: o da dignidade humana. Segundo esse valor, toda e qualquer pessoa, pelo fato de ser um ser humano, é digna e merecedora de respeito. Portanto, não importa seu sexo, sua idade, sua cultura, sua raça, sua religião, sua classe social, seu grau de instrução, etc.: nenhum desses critérios aumenta a dignidade de uma pessoa (PCN, 1997, p. 75).

ser combatido na escola. Os professores e professoras precisam pensar em metodologias de combate ao racismo. Tanto os PCNs (1997) quanto a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) se apresentam contra as práticas discriminatórias na escola. Um dos pontos que merecem destaque na LDB é o reconhecimento da importância dos valores na educação escolar, pois esta lei apresenta como um dos fins da educação a formação para a cidadania. Para que esse objetivo seja alcançado, os princípios e valores precisam ser incorporados à educação de forma a combaterem o preconceito e a discriminação na escola e por extensão fora dela.

A quarta questão: “Você considera que a escola tem contribuído para a inclusão desse tema?”. As respostas das professoras participantes são apresentadas na Tabela 4:

Quadro 5: Respostas da 4ª pergunta.

IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTAS
P1	Sim. Ao propor projetos que abordam a temática, ao dar livre arbítrio ao professor para se expressar e desenvolver essa temática em sua sala de aula.
P2	Sim. Através de projetos levando para as crianças todo conhecimento de respeitar as diferenças deste tema, em que na cidade de Mulungu já tivemos um evento relacionado sobre as diferenças de cor de pele e demonstrou que o negro tem um papel importante na sociedade quanto as pessoas brancas, pois são pessoas de extrema capacidade para a sociedade e que sua cor não pode ser de maneira nenhuma ser excluída porque são abertas ao futuro também educacional. Desta forma são seres humanos inteligentes quanto as outras raças sem distinção para o nosso país.
P3	Sim. Incentivando e colaborando na atuação de projetos, no entanto, essa cultura é pouco estudada e valorizada nas escolas.
P4	Não. Porque só trabalhamos o Dia da Consciência Negra.
P5	Não, a escola ainda não trabalha esse tema com tanta frequência geralmente só em datas comemorativas como o dia da Consciência Negra.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Observamos nas respostas das professoras participantes que 03 delas (60%) consideram que a escola contribui para a inclusão da temática e 02 (40%), consideram que não, a escola não contribui e só trabalha a temática associada a datas comemorativas, o que seria um reducionismo da mesma.

A escola tem por finalidade formar o aluno para o exercício da cidadania, conforme atestam a LDB e os PCNs (1997). Essa orientação está presente também em documento recente como a BNCC. Formar para a cidadania é um objetivo que deve estar presente também na proposta pedagógica da escola e o combate ao preconceito é uma forma de formar cidadãos melhores para a vida em sociedade. Para alcançar esse objetivo a escola precisa trabalhar o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam compreender a sociedade em que vivemos.

Segundo Rocha(2008):

Considerando a Escola como o espaço na qual estereótipos, preconceitos e práticas discriminatórias são desconstruídas. Ela reúne instrumentos pedagógico que viabilizam esse propósito a partir da reflexão dos profissionais que a compõem. Docentes e técnicos podem “pôr abaixo” grande parte dos entraves interpostos às populações afrodescendentes que as impedem de viver plenamente a cidadania. A apresentação positiva da História e da cultura dessas populações e uma das estratégias a serem colocadas em prática de modo efetivo e consecutivo. (ROCHA 2008, p. 58).

A criança deve entender a sociedade como uma produção dinâmica dos seres humanos, isto é, a sociedade que temos hoje não é a mesma de tempos atrás e não será a mesma daqui a alguns anos. Também é papel da escola formar uma consciência livre de preconceitos e discriminações para o cidadão do futuro. A escola tem sido o refúgio em que pais “depositam” seus filhos. Os pais

escolheram a escola como o lugar para a aprendizagem de valores que deveriam ser aprendidos em casa.

É difícil, mas não é impossível promover uma educação antirracista nas escolas. Os professores e professoras podem buscar a execução de ações afirmativas de combate ao racismo e à discriminação racial no ambiente escolar. Munanga(2008) afirma que:

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas e que existem nas cabeças das pessoas (...). No entanto, cremos que a Educação é capaz de dar tanto aos jovens quanto aos adultos a possibilidade de questionar e de desconstruir os mitos de superioridade e de inferioridade entre grupos humanos que foram socializados (...) não temos dúvidas que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção de individualidades históricas e culturais das populações que formam a matriz plural do povo e da sociedade brasileira (MUNANGA, 2008, p. 17).

A questão do preconceito racial no Brasil é algo que merece atenção e a escola não pode estar alheia a ele, pois como ambiente de formação das futuras gerações precisa contribuir com a formação de cidadãos livres de pensamentos que segregam e dividem a sociedade. Para tanto, é preciso que os professores e professoras estejam conscientes de sua missão de propor ações destinadas a valorização da comunidade escolar negra. Como a escola pode fazer isso? Por meio da indicação de caminhos que os professores devem seguir, de metodologias que desenvolvam mecanismos pedagógicos eficazes para a superação da desigualdade, que estimulem a elevação da autoestima das crianças negras, por meio do reconhecimento da diversidade.

Dessa forma, cabe a escola a missão de ensinar valores para o desenvolvimento de uma consciência livre de discriminações e preconceitos nos alunos, para tanto, precisará selecionar conteúdos e metodologias que favoreçam a aplicação de temas relacionados à cultura africana e afro-brasileira.

A quinta e última questão: “Em sua graduação, você teve o conhecimento das questões étnico-raciais?”. A Tabela 5 apresenta as respostas das professoras participantes da pesquisa:

Quadro 6: Respostas da 5ª pergunta.

IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTAS
P1	Sim. No curso de Letras e História da UEPB tive componentes curriculares e que abordaram as questões étnico-raciais, além de seminários e encontros educacionais. No curso de Pedagogia na faculdade São Judas Tadeu também.
P2	Sim.
P3	Sim, porém não com tanto destaque.
P4	Não.
P5	Sim, mas sem muito aprofundamento.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Observamos nas respostas das professoras participantes que 04 delas (80%) responderam que sim, durante a formação acadêmica tiveram acesso a componentes curriculares que trataram da temática e apenas 01 (20%) afirmou que não teve acesso a essa temática durante sua formação. As afirmações nos levam a compreender como ainda é falha a formação dos profissionais da educação no que se refere a temática da cultura africana e afro-brasileira.

Segundo Coelho(2008):

A licenciatura, no Brasil, conhece um tipo de formação peculiar: a formação é dividida em dois conjuntos de conhecimentos: o conhecimento específico da área escolhida pelo licenciado e o conhecimento próprio do fazer docente. Via de regra, esse princípio se materializa nos currículos dos cursos de licenciatura: a maior parte deles concentra-se no aprendizado da área específica – seja ela Artes, Letras, Biologia, História ou Matemática – oferecido pelo próprio curso; a formação docente, porém, ocupa parte reduzida do currículo (as ampliações recentemente introduzidas ocorreram à revelia dos cursos de licenciatura introduzidas que foram pelo Ministério da Educação) e é ministrada, tradicionalmente, pelos cursos de pedagogias (COELHO, 2008, p. 113).

Para a autora citada anteriormente, a formação dos profissionais da educação não deve ser voltada apenas para área que se destina a sua licenciatura, por exemplo, o graduado em Letras não deve ter sua formação focada apenas no arcabouço da Língua Portuguesa, mas também voltada para outras questões tais como, a questão étnico-racial. Um fator relevante é que a Lei 10.639/03 define que a temática deve ser abordada nas disciplinas de Artes, Literatura e História, entretanto, isso não quer dizer que apenas esses componentes devem abranger a temática.

A escola como um todo deve fomentar ações que vislumbrem o conhecimento das diferenças, promovendo ações que favoreçam a equidade de oportunidades para todos. Assim estará ofertando uma educação de qualidade.

O fato é que muitos casos de racismo, preconceito e discriminação ainda acontecem na escola. E, muitas vezes, o professor ou professora não consegue resolver o problema ou ao menos minimizá-lo por falta de preparo. Munanga(2008) diz que “Essa falta de preparo que, devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial compromete, sem dúvida o objetivo fundamental de nossa missão, no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã” (MUNANGA, 2008, p. 11).

Outro fator que podemos identificar é a carência que a na formação dos professores, pois a sua formação acadêmica não contemplou aspectos da diversidade. Assim, o professor ou professora fica perdido, sem saber como reagir em momentos que necessitam da sua intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o papel dos (as) professores (as) na construção da autoestima da criança negra na educação infantil, visando contribuir para a desconstrução do racismo, discriminação e preconceito existente no ambiente escolar. Visto que a escola é composta por uma pluralidade cultural e uma instituição que mais se aproxima da realidade dos alunos.

Para conclusão deste trabalho foi de grande importância fazer a pesquisa de campo pois possibilitou aproximar-se do nosso campo de atuação com um olhar mais crítico. Nota-se que as escolas não promovem ações de combate ao racismo, muitas delas só deixa para falar das questões étnico-raciais no dia da consciência negra, 20 de novembro, observa-se uma grande deficiência no planejamento das instituições escolar.

O contexto escolar por ser composto por uma diversidade cultural, muitos professores não se sentem à vontade para falar sobre este assunto em sala de aula, e também se nota um grande despreparo dos (as) professores (as) para lidar com a diversidade cultural existente em sala de aula. Visto que os mesmos em sua vida acadêmica não tiveram tanto aprofundamento na área étnico-racial, nota-se que houve uma carência na formação dos professores, mas não podemos nos acomodar e sim procurar está sempre em busca de conhecimento, pois temos um papel muito importante na sociedade.

Não só os educadores mais toda escola deve estar preparada para promover a desconstrução do racismo, promover estratégias e rever as práticas pedagógicas é de grande importância, contribuir para a valorização e o respeito são fundamentais para combater o racismo e ajudar as crianças na construção da autoestima. A utilização da literatura infantil com personagens negros é de grande importância para auxiliar na construção da identidade da criança negra, visto que o caráter da criança começa ser formado desde cedo.

O ambiente escolar deve ser um lugar onde haja a propagação do respeito entre todos independente de raças, sexo, cor da pele e religião, devemos promover a socialização e o respeito mostrando para nossas crianças a importância de valorizar a cultura de cada um no contexto a qual está inserido.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Buarque de Holanda. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com>. Acesso em: 14 de Maio. 2019, v. 19, 2018.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e discriminação como expressões de violência**. Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 119, 2002.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE). Parecer n. 39, de 8 de dezembro de 2004. Aplicação do Decreto n. 5.154/2004 na Educação Profissional Técnica de nível médio e no Ensino Médio. Brasília, DF, 2004.

BRASIL, MEC. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC/SEF, 2005;

BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA; ALFABETIZAÇÃO; DIVERSIDADE. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Secad, 2006.

PIAI, Bruno. Disponível em <http://bestofweb.com.br/post/pai-leva-filho-e-genro-em-loja-para-comprar-tenis-e-e-humilhado-por-policiais-racistas-que-o-acusam-de-roubo-em-meio-a-multidao>. Acesso em: 14 de Maio. 2019, v. 19, 2017.

_____. MEC. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC/SEF, 2005;

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004.

_____. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA; ALFABETIZAÇÃO; DIVERSIDADE. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Secad, 2006.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Editora Contexto, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane dos santos. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. Selo Negro, 2001

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COELHO, Mauro Cezar (Org.). **Raça, cor e diferença: a escola e a diversidade**. Belo Horizonte: MAZZA, 2008.

_____. Igualdade e diferença na escola: **um desafio à formação de professores**. Cronos, Natal, v. 7, n. 2, p. 303 ? 309, jul./dez. 2006.

FERREIRA, **Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio Século XXI**. 5. ed. rev., ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. Ed. Especial para o FNDE/PNLD.

FREITAG, Suzeli Adriane; WINKLER, Andréa Denise. O NEGRO E A LITERATURA INFANTIL. **INTERFACES: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**, v. 1, n. 1, 2014

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**. 1994

MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO Disponível em:
http://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/unidades/nucleos/ned/Estudo_Comentarios_Lei_7716_89.pdf
 Acessado em: 28 de Abril. 2019

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 2008

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, 2005.

UOL Economia 2015. Disponível em:
<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 27 Abril. 2019.

PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais**. (1997) Matemática/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF

PEREIRA, Maria Irenilda. **A construção histórica do racismo no Brasil**. 2018. Disponível em:
<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/abolicao130anos/2018/05/11/noticia-abolicao130anos,957834/a-construcao-historica-do-racismo-no-brasil.shtml> **Acessado em:** 27 Abril de 2019

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. 2a. ed. São Paulo. Companhia da Letras, 1995.

ROCHA, Helena do Socorro Campos da. **A Experiência com a Lei N°10.639/03 CEFET-PA: Formação Inicial e Continuada**. IN: COELHO, Wilma de Nazaré Baía, Mauro Cezar (Org.). **Raça, cor e diferença: a escola e a diversidade**. Belo Horizonte: MAZZA, 2008.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro**. Belo Horizonte: MAZZA, 2007.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **O multiculturalismo e o reconhecimento: mito e metáfora**. Revista USP, n. 42, , 1999

SILVA Jr., Hélio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. – Brasília: UNESCO, 2002.

VIEIRA, Gizele Doraline Gomes. **Gestão escolar: participativa**. 2014. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2017.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA
DISCENTE: EMANUELLE YNGRID DA SILVA ALMEIDA
ORIENTADORA: SHEILA GOMES DE MELO
O PAPEL DOS(AS) PROFESSORES(AS) NA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DA
CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Idade: _____

Formação: _____

Sexo: _____

Tempo de atuação profissional: _____

Tempo de atuação nesta escola: _____

1. Você conhece a lei 10.639/03, que estabelece o Ensino da História e cultura Africana e Afro Brasileira nos Currículos escolares?

2. De que forma você tem introduzido o Ensino Afro Brasileiro em sala de aula?

3. Você já se deparou em sala de aula com alguma prática racista? Se sim, como você resolveu?

4. Você considera que a escola tem contribuído para a inclusão deste tema?

5. Em sua graduação, você teve o conhecimento das questões étnico-racial?
